

A festa do Galato



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano V - N.º 109 Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária - Casa do Galato PAÇO DE SOUSA Director e Editor - Padre Américo Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto 1 de Maio de 1948 Vales do Correio para CETE

# As Irmãzinhas dos Pobres ditas na Emissora

Estive na casa das Irmãzinhas dos Pobres ao Pinheiro Manso, no Porto, para ter o prazer espiritual de conversar por uns minutos, como de facto conversei, com a Superiora Geral daquela casa religiosa. Apenas soube pelos jornais da sua presença entre nós, fui impellido a ir vê-la de perto, por uma necessidade interior. Eu era ali um romeiro, levado por devoção.

Mandaram-me entrar para uma sala muito pequenina; os aposentos largos e airosos, esses são destinados às suas visitas permanentes, os Velinhos mais Velhinhas que, por pobres, enriquecem aquela Obra e alegam a alma de todos quantos a conhecem. Pequenina sala, sim, aonde não faltava nada do que é dado à pobreza do Evangelho. Devia ter sido assim a casa de Nazaré. Mal me sento, entram quatro Religiosas, que me informaram ser a Boa Mãe Geral, a sua secretária, a mãe provincial de Espanha e a superiora local do Pinheiro Manso. Nada que as distingua exteriormente. Não há divisas. Não há galões. São todas rasas. Anónimas.

Sentam o nos. Começo a fazer perguntas. Eu ia para saber. Terho fome e sede de saber, e só os mestres é que ensinam. Mestres segundo o espirito do Mestre. Todos os mais são mestres com seus liricos. A simplicidade daquelas quatro senhoras que tinha ali à minha frente, é intraduzível. Via-se-lhes a alma através do corpo. Cada palavra é um jacto de plenitude. Elas estão cheias. Vida plena. A vida de Jesus escondida no seio do Pai Celeste. E' a Caridade. Isto é a Caridade.

Todo o mundo se julga apto a mexer nesta palavra, e assim se tornou vulgar o que ha de mais precioso. A caridade anda por aí de braço dado com as coisas e as pessoas mais requintadas. Pretende-se que seja uma palavra da moda; um rótulo chique. Entra nos salões. Come e bebe do melhor, para em seguida morrer nos lábios de quem a profere, porquanto palavras... são palavras. O que não teria em si grande mal, se não fora os estragos causados nas almas, por estas fórmulas grosseiras de arremedar o AMOR. Sim, digo bem. Arremedar o Amor. Pretende-se amar os que gemem e sofrem por meio de bodos e de festas chamadas de caridade. Assim se profana o divino!

Mas continuemos na pequenina sala, a escutar lições. Falam as servas dos Pobres. Já o sabia, mas quis ouvir da Boa Mãe Geral. Se não é unгда, foi escolhida para as vezes da Fundadora; tem o melhor da continuidade. Pode dar informações. Já sabia, sim, que na Regra delas não ha criadas. Não ha serviçais. Por ter sido Creada de servir a mulher que fundou a obra não quis creadas na Obra. São todas irmãs. Irmãzinhas dos Pobres, como hoje se lhes chama, a servirem os seus irmãos pobres. Elas tem 312 casas nas cinco partes do mundo, com uma população de 47000 almas. Pois bem. São elas, as Irmãzinhas, e são eles, os seus irmãos pobres. Não ha serviços que elas não possam fazer. Não ha nada imundo nem indecoroso. Não ha olhos. Não ha ouvidos. Não há olfacto. Nada daquilo por onde se peca. Os cinco sentidos cedem. A caridade vence. E' a vitória total. Elas não são, mas vivem da caridade; quero dizer, vivem

do amor que as consome, de sorte que, as suas numerosas casas, não são depósitos de inválidos. Não são. São vida. Vivem todos ali dentro da vida que as devora. Caridade! Oh mundo ignorante e infeliz; oh mundinho dos salões e das festas, diverte-te a teu modo, sim, mas não conspurques.

As Irmãzinhas, tem um nome muito seu quando querem falar de Deus; é a Providência. Ouve-lhes esta palavra muitas vezes, no curso da nossa pequenina entrevista. E' o tacto. E' o contacto. E' a experiência. Dize-me com quem vives e eu digo-te quem tu és, ensina o adágio. Elas vivem com a Providencia. Tem de ser o que são.

Por muito que lhe digamos, padre, não lhe dizemos nada do que a Providencia nos faz dia a dia,—exclamou uma delas.

Um dia não havia batatas em casa e estavam duzentas e onze bocas à espera delas, para o jantar. Nisto, aparece à porta um homem a perguntar aonde havia de descarregar uns tantos sacos que tinha lá fóra, numa camionete. O porteiro foi indicar a cozinha. Comeu-se. No dia seguinte, o dono dos sacos vem anunciar que por engano ali os vieram trazer e ele estava para de novo os levar. Mas nós já as comemos disseram. Ficou o homem sem batatas e sem dinheiro e foi-se embora a resmungar. Tudo tão direitinho... por

linhas tão tortas, que esta é a maneira como Deus escreve. Sim. A Providencia é caudal. Caudal misterioso. E' preciso sabermos procurar nas causas segundas o sentido eterno da Causa Incausada!

A Casa Mãe destas religiosas, é em França, na cidade de Rennes. A Colmeia. Ali vão buscar profissão milhares de almas de todas as nacionalidades, para serem ao depois de uma só lingua e de uma só nação. Omnia in omnibus. A doutrina de S. Paulo faz aqui sentido. No reino da caridade, impera sempre um e o mesmo espirito.

Cada casa vive sobre si. Cada casa tem de provêr às necessidades dos seus habitantes, mas as aflições das Irmãzinhas, não são as mesmas que as nossas. Elas nem sequer conheceram as leis apertadas do racionamento nos tempos em que havia racionamento, e se amanhã, por nosso mal, voltarmos à mesma ordem, elas ficam aonde estavam e sempre estiveram. Deus é imutável. Continuarão a receber todos os Velinhos que possam, sabendo que terão para o seu sustento, tudo quanto precisarem. Não recebem heranças que lhes tragam compromissos. Não querem nem podem comprometer-se. São pobres. Os pobres não tem por onde responder.

Estes são os traços gerais do que escutei

(Continua na 3.ª página)

## NOTA DA QUINZENA

Em um dos números derradeiros deste famoso, virha a conversa do P.º Adriano com uma senhora da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, acerca da revelação aqui feita, de quanto aquela igreja dera no peditório para a Casa do Galato de Lisboa. Aquela senhora é uma titular e andava ocupada no arranjo da sua casa, quando P.º Adriano nela entrou. Tão estranho pareceu ao visitante este caso, que não se conteve, como ao depois me disse: Então V. Ex.ª não tem em casa quem faça este trabalho?! E ele não sabia, como depois veio a saber, que tinha à sua frente uma senhora de estirpe! Pois a dona da casa, não tinha quem fizesse o trabalho, e se creadas havia na casa, como seguramente deve haver, não eram suficientes e Ela quer ajudar. Esta senhora deu generosamente do que é seu. Deu géneros. Deu dinheiro e mais dará a seu tempo. Assim tinha de ser. E' a aragem que nos diz quem vai na carruagem. O hábito não faz a freira, nem as roupas as senhoras. Estava ali uma Senhora. Deus seja bendito.

O P.º Adriano percebeu, no correr da conversa, que tinha ali estado uma rapariga dos asilos, recomendada para creada de servir. Tinha estado, sim, mas por pouco tempo. Ao ser-lhe apontada a banca da cozinha e loiça, ela responde imediatamente: Nunca ninguem me mandou fazer este serviço. E desandou pela porta fora. E' uma senhora que narra este episódio,—e que Senhora! Não podemos duvidar. Mas eu tenho um caso semelhante.

Ei-lo: De uma vez, levado por instancias de alguém, admiiti uma rapariga das tais. Que era muito boa e havia de provar, informação que nos deram. Chegou. Mandaram na esfregar aquela sala. Quê? Eu esfregar? Não disse que nunca a tinham mandado fazer tal serviço. Não disse, mas foi como se o dissesse. Desandou pela porta fora e foi-se matricular! Aqui estão dois factos que merecem ser ruminados, pelo perigo social que cferecem e desastre da economia de um Povo. Dinheiro, tempo, esforço,—tudo perdido! Porquê! Nunca ninguem me mandou fazer este serviço. Mas então as meninas dos chamados asilos não trabalham? Trabalham sim senhor. Fazem renda.

Ora todos nós sabemos que não é da vontade de nenhum dos directores, culminar a vida dos seus educandos com estas provas negativas. Não é. Mas a verdade é que os processos adoptados, levam as coisas a esta desgraça. Que uma percentagem se perca, está certo. Isso está no fundo da natureza das coisas. Mas que sejam muitos e muitos a perderem-se pela falsa orientação que se lhes dá, isso é que é o pecado de omissão. Que fazer, pois? Um entendimento geral entre as direcções das casas de amparo. Uma reunião geral. Um congresso. O caso urge. E' o bem comum que o pede. Cartas na mesa. Sinceridade. Discussão franca. Luz. Se se trata de casas confiadas a religiosas, também elas desçam das suas ilustres tamanquinhas e cooperem. E desta sorte, todos juntos, amenisa-se o flagelo social

# Do que nós necessitamos

Sim Senhor. Pode estar descançada a *velha assinante* de Lisboa, que toda a roupa nos veio ter à mão, toda. Ninguém sai ao caminho, a não ser o fisco. O fisco é que às vezes interfere nas coisas que nos dão. Também se tomou em conta o mais que dizia a carta. Mais uma data de peúgas altas para os nossos *Batatas*. O luxo.

Mais pneus. Que bom! Quem dera mais. Mais roupas. Mais um cobertor de Aveiro. Mais roupas de Maçãs. Mais 100\$00 de *uma pobre viúva e três filhos*. Estas esmoladas escaldam! Mais de Chaves 150\$00. Mais de Braga, entrega! Mais vendedores, uma cesta com um casal de galinhas exóticas. Trouxe-as o Francisco.

Correu voz na aldeia e daí a nada, as redes das nossas capoeiras cheiravam a jardim zoológico. Olhares curiosos, trespassavam os fios de arame. O *Sapo* estava ao pé, todo imponente a explicar à malta: *aquele é o galo e esta é a galinha*. Não sei quem lhe deu os sinais. Eu cá olhei e tornei a olhar, mas não distinguia, —nem distingo. Sabe o rapaz mais do que eu. Mais 20\$00 num envelope. Mais no Depósito 500\$00. Mais uma tarifa de figos. Mais vários envelopes com várias quantias, dos quatro ventos de Portugal.

Mais uma família de Famalicão que veio pagar o *Gaiato* e deixou ficar tecidos. Mais 100\$00 num envelope de vários nome, e da mesma sorte, várias quantias de várias terras.

Mais da Beira 500\$00 e 50\$00, ambas quantias sem nome. Beira—Africa. Beira—Império. Estou admirado de haver ali quem saiba a regra do Evangelho! A carta onde vinham estas somas, trazia mais dinheiro de assinaturas do famoso. Muitas assinaturas. Beira e Lobito são as duas terras do Império que vão à frente. Em cada uma delas, apareceu um amigo da *Obra da Rua*, resolvido a ver em cada habitante um assinante. Quanto não devemos a estes dois! Na Beira é uma senhora. No Lobito, um cavalheiro. Não conheço um nem outro, mas conhecem eles a *Obra*.

Mais 50\$00 do *Dr. Zequinha*. Mais 3 pneus deixados por uns visitantes de Braga. Não se esqueçam os senhores assinantes de mandar pneus. Sempre pneus. Alguns, na verdade, pagam em géneros. Pagam do que cultivam ou do que fabricam. Acho bem. E' a permuta. Para os idiológicos da economias em moedas, está aqui um ensaio.

Mais eu que fui a uma casa do Porto saber de uma encomenda de telhas e o Senhor chamou-me dentro, ao seu escritório particular, rapa da carteira e zás.

—Mas olhe que eu já recebi da casa, pelo Natal.

— Pois sim; mas isto é particular.

Este senhor é feliz. Não sou eu que o digo; é o Evangelho que o canonisa. Mais roupas de Tomar. Mais um caixote de livros e roupas da Gondomar. Mais 100\$00 idem. Mais roupas de Gondomar. Mais idem de V. N. do Rodão. Mais dentro de um envelope registado uma nota de 500\$00, duas ditas de 100\$00 e uma dita de 20\$00. Estranha conta! Vem da capital. Mais aqueles 20\$00 de sempre. Mais um caixote de figos do Algarve. Mais de Forjaz Trigueiros, leitura muito apreciada, sobre a obra do *Dr. Bernardo*. Muito agradeço. Não me tenho que não publique nesta coluna de amor ao próximo, a carta de um empregado da *Sacony Vacuum Oil* dirigida aos seus colegas. Ei-la:

## “Campanha dos 1000\$00”

Presados Colegas e Amigos:

Com a próxima entrega da nossa contribuição para a *« Casa do Gaiato »*, completaremos um ano do nosso modesto auxílio para a grande *Obra*. Hoje, depositamos no *Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa*, a 11.ª contribuição, referente a Março p. p., no valor de Esc. 930\$00

Donativo dos colegas do Porto... 50\$00

Esc. 1.030\$00

Quantos sacrifícios representa para muitos o acumulativo desta verba só Deus o sabe e, por isso mesmo, maior valor ele sintetiza na nossa vontade de querermos ser úteis a tantos pequenos infelizes. E' certo que estais bastantes onerados com outros compromissos, a que a vossa representação, como empregados da *Vacuum*, vos obriga.

Contudo, ousa ainda aguardar daqueles que ainda não puderam socorrer esta *Obra*, e para que consigamos o mínimo de Esc. 1.000\$00, como nossa contribuição, que façam um pequeno esforço—sejam \$50, seja quanto puderem—e incluam em selos do correio, em carta para o signatário que antecipadamente se lhes confessa imensamente grato.

Com os protestos da minha muita estima, creiam-me colega e amigo,

Chama-se a *Campanha dos Mil Escudos*. E' o signatário que assim lhe chama; um homem perdido de amor pelas lrinças das ruas, *pequenos infelizes*, como a carta diz. Ele pede aos onerados, aos sacrificados aos que dão à vida um sentido cristão e vivem, por isso, cristãmente. Que Lisboa inteira saiba assim amar, a bem de um Portugal melhor. Mais de Casaldelo, roupas com estrelas nas peças. Mais uma gabardine de Lisboa. Mais calçado do Porto. Mais de visitantes, carne de adubar e roupa. Mais roupas de algures. A' Maria do Porto, digo que sim. No dia marcado cumpriu-se. Mais mil escudos do meu netinho. Um diminutivo a aumentar! Milagres do amor.

## Se eu fosse rapaz...

Quantas vezes, no ocaso da nossa vida, nos lamentamos por estarmos já numa idade tão avançada, e o panorama das nossas obras e de todas as nossas actividades interiores nos parecerem pequenino, por vezes nulo, a nossos olhos! Quantas vezes!

Enquanto o vigor e a energia do nosso corpo nos cumula de possibilidades construtivas de nobres ideais, deixamos muitas vezes abastardar cobardemente esse precioso tempo da Juventude. E' que as horas perdem-se em mil e uma futilidades, em digressões que nos retardam o desenvolvimento psico-fisiológico, em devaneios de utopias e de « castelos no ar »... E quando chega o momento de sentirmos o peso dos anos, a reflexão ponderada (mas tardia!) acusa nos dos desperdícios em mocidade.

Só então, na presença de moços, avivamos o desejo de rejuvenescer, e as lamentações soam como estas: « ai, quem me dera ter aquela idade, quem me dera ser rapaz, para fazer isto e aquilo »!

Aquela etapa da vida já encanecida, quando devia voltar-se para cima ao encontro de uma esperança recompensadora, abisma-se uma angústia pesada de desilusões e num desespero de retroceder para recomeçar. Mas em vão. Todas as lutas são infrutíferas, e o homem lá parte, deixando atrás de si um mundo de negativismos.

Rapaz, que procuras um Ideal que nos sacie a sede de juventude cristã, aproveitemos ao máximo o esplendor do nosso vigor na prossecução de um fim útil.

Sirvam-nos de orientação algumas daquelas palavras do último número da *« Flama »*:

« Se eu fosse rapaz... havia de escolher, entre os rapazes e raparigas da minha idade, os mais alegres e francos, caracteres abertos e leais, havia de rodear-me de energia, lealdade e rectidão e fazer dessa selecção o grupo dos meus amigos.

Almas com ansia de perfeição, com sede de ideal, uma juventude forte e sã, inimiga da mediocridade e do vulgar, ambiciosa de grandes e heróicos feitos, seriam os meus confidentes e amigos.

Se algum viesse a cair, resvalando no limo da terra, dar-lhe-ia a mão amiga para o erguer com prudência e firmeza, não fosse eu falhar também.

A' amizade pura corresponderia com a mais pura dedicação e procuraria sacrificar-me pelos meus amigos.

Quizesse acaso alguém, com ódio, matar-me nos lábios o sorriso, pagar-lhe-ia com mais amor a sua ofensa.

Como, sem Deus, a natureza pende para o que é vil, procuraria d'Ele, pela oração e pelos sacramentos, o amparo, a força, o alento para conservar pura e sã a minha juventude.

« Se eu fosse rapaz... e o Senhor me não chamasse a seguir l'O, havia de escolher por noiva a mais bela rapariga que lograsse encontrar, lembrando-me que não há verdadeira e inaccessível beleza sem a graça do Senhor e a pureza cristã.

Embora visse outros patinharem na lama e atolarem-se no lodo do vício, eu guardaria para os castos prazeres da família a integridade virginal de todo o meu ser, como queria que ela o guardasse também.

E' tão alto ser chamado a cooperar com Deus na conservação e multiplicação da vida humana à face da terra!... E' tão grande a dignidade dos que, unidos pelo matrimónio, se destinam a plas-

# A festa do Coliseu

Não é a que foi; é a que vai ser. A que vai ser no próximo Junho, assim como a do ano passado também foi. A seu tempo se marcará o dia. Hoje é sómente para avisar os senhores mal-las senhoras que não deixem ficar a aquisição do bilhete para a hora derradeira, não vão com isso sofrer o desgosto de ficarem em terra, como aconteceu o ano passado a muito boa gente. *Bilheteira esgotada*, lia-se, muito antes da hora da barafunda no palco. Sim, digo bem. Barafunda. A barafunda, só que, naquele dia, em vez de ser aqui em casa, é no Coliseu.

Outra notícia que hoje aqui se dá, é que os bilhetes, este ano, não-de ser um todonadinho mais puxados do que no passado. *Coisinha pouca*. Mais nada. Não se trata de um *Portugal-Espanha* ou loucuras semelhantes. Não teremos os habilidosos a falsificar. Não senhor. O bilhete é aquele. O genuíno. Assim como genuíno é o espectáculo. Lá como cá e sempre, nós somos tal qual. O ano passado, ao erguer do pano, um empregado perguntou-me se eu queria luz de côr. Qual côr? Qual luz? A luz vem d'eles. Os nossos rapazes são luz. Defeitos e qualidades, esperanças e insucessos, — tudo neles é luz.

Ainda mais outra notícia é que eu preciso de quatrocentos contos para a tipográfica. Ora o Porto é que me há-de dar este dinheiro. Lisboa não tem fôlego. Se a gente lhe pedisse aquela soma, ela desmaiava. Coimbra, nem falar! Fica o Porto. *O Batata Nova*, vai cantar ao micro a cantiga *O' meu Porto*, justamente para grifar toda a nossa esperança. Vamos a ver.

## MEU PASSE

Toda a gente sabe da grande desgraça que me aconteceu. Fiquei sem ele.

Como andava afeito há um rôr d'anos, mandei ao chefe da estação de Cête perguntar e ele manda preços e impresso.

Não estava a fazer a conta a tanto dinheiro, e não preenchi o dito. Desisto.

Volta-se à primeira forma. Terceirinha no *Correio* e acabou.

Aqui há tempos, no *meu* hotel, estava um Irmão das *Escolas Cristãs*, americano de nascença e Provincial da sua Congregação. Tinha 19 casas à sua conta. Era uma das Provincias mais importantes do novo mundo. Pois bem. Ele vinha de Roma. Tinha o seu tempo a terminar.

—E depois? Para onde vai?

—E' costume nas nossas casas ir o Provincial, depois do tempo dado, descascar batatas e lavar loiça na cosinha, durante um mês, informou.

Achei muito bem. Achei simplesmente optimo. E' para que eles se não esqueçam do que são. Poeira! Ou, como diria o nosso *Piriquito*, — para que se não armen. Ora eu estou na mesma. Consolei-me: fiz um figurão dez anos repimpado. Os revisores, não se fartavam de me tirar o barrete e saudar, ao verem o passe de 1.ª classe, na rede geral: — *Quem será este senhor?* Quem será? Sabe-se agora. Um que descasca batatas e lava tachos!

Não há bem que sempre dure.

madores de almas e corações, como continuadores do seu sangue e da sua vida!

« Se eu fosse rapaz... havia de sair da cidade sempre que pudesse, tomar, como os escutas contacto com o campo, com os rios e as florestas, subir às montanhas a encher de ar puro os pulmões meio atrofiados pelos miasmas do urbanismo e povoar a imaginação de imagens belas.

Nas horas vagas, no tempo de repouso, após o trabalho intenso do estudo ou o labor exaustivo da fábrica ou da oficina, procuraria retemperar no desporto as energias depauperadas. »

Assim, embuídos neste desejo veemente de realizar mais e melhor, podemos chegar àquela idade avançada sem termos sobre nós a impressão de que a nossa vida na terra foi estéril, sem qualquer estí nulo na reconpensa final.

E quando soarem as derradeiras horas a nossa atitude não seja a de um pusilânimo que se volta em lamentações e em desesperos de querer voltar atrás com a idade, mas a de um herói que sente no seu peito a sua missão cumprida.

Sejamos, pois, destes últimos, cônscios de que não fomos empecilhos mas obreiros íntegros na realização das nossas obras.

H. F.

P. S. — Agradecemos ao Rev.º Frei Diogo Crespo e ao Mário Simas, Director da *« Flama »* ambos nossos bons amigos, os números da sua revista, enviados mensalmente às nossas casas.

# De como eu fui pedir à Igreja da Estrêla e do mais que me aconteceu

## O nosso jornal

Uma vez em Lisboa e antes de mais nada, dirigi-me ó hospital dos Capuchos, ver o Zé Ernesto que ali temos internado, a quem se amputou um dedo da mão. *Olhe; não posso ir pra militar*, foi a lamúria do rapaz. A's avessas de inúmeros deles, que morrem por não ser magalas! Os Capuchos é labirinto. Já estava mesmo a desanimar quando um garôto me diz — vá à cama 24.

Parece ter sido ali outrora um convento de frades e hoje quer ser hospital. Adaptação. Anda o Governo empenhado em construir de raiz. Feliz hora em que tal se resolveu. Assim sim.

D'ali fui ó Quelhas. A Emissora Nacional. Eu agora falo na Emissora Nacional! E tudo são atenções e porta franca e sempre que queira, e protestos de muita admiração e tudo o mais que é dado à liturgia das coisas e das pessoas. Eu, porém, faço o sinal da cruz antes de começar e com este sinal venço-me e venço.

Da Emissora, dirigi meus passos ao Terreiro do Paço. Gosto dos nomes antigos. Que mundo de evocações não tem aquele nome! Nasceu ali a história de Portugal! A *Obra da Rua* tem escrito ali, também, algumas das páginas da sua humilde história.

Subi acima a um dos Ministérios e perguntei pelo senhor fulano de tal. O contínuo apresentou-se e informa que ainda não tinha chegado. Como eu fizesse menção de olhar pró relógio, ele, que sabia as horas, logo acudiu: *é que ele às vezes tem que fazer lá por fora, e vem um bocadinho mais tarde*. Inteirado da demora pelos afazeres, indaguei do seu colega. Também não estava, mas não demora, disse. E acrescenta: *sabe, o senhor fulano tem uns incomodos de vez em quando*. Delicado e solidário, o contínuo puxou de uma cadeira para eu me sentar, mas eu tinha na verdade que fazer lá por fóra e não aceitei. O Ministro daquela pasta, tinha-me recebido no Gabinete antes de eu procurar os dois subordinados!

O dia correu-me bem. Aquele terrível non do P.º António Vieira, não me apareceu. Consegui, de um Ministério, um pequenino subsídio para a compra de um fogão de que há necessidade no Lar dos Pupilos do Reformatório de Coimbra. Consegui, de outro Ministério, um outro subsídio para ajuda do pagamento de um pequenino olival e casa rústica, para juntar ao património da casa do Gaiato de Coimbra. Não se cuide, porém, que estas pequeninas ajudas vêm logo ao primeiro toque. Não vêm. Por vezes, há troca de gemidos. Eles que não e eu que sim e no final, de tudo é que vem alguma coisinha. Mas nem por isso nos damos por descontentes. Ai de nós, se vivessemos de facilidades e de abundância!

Finalmente, chega a hora de pedir na Estrela. Estava marcado que o fizesse a todas as missas, e assim foi. Opiniava-se que eu devia ir à capela da Lapa, em vez da igreja, na missa do meio dia. Que ali é que era. Que estavam ali os Embaixadores recamados e constelados. Agradei e não fui. Cumpram-se os programas. Era duma vez um cão que se botou à água para apanhar a carne que outro cão levava na boca...

Miragens!

Eu não peço; eu dou. Parece basófia e é humildade. Humildade porque verdade. É a Obra que está por trás. É ela que fala, que comove, que convence. Ela é fogo, é luz.

Obra social. Obra da Igreja. É necessário pregar com obras realizadas, a missão social da Igreja. Quem mais social do que Jesus Nazarêno? Não era Ele o Homem das multidões? Dos caminhos? Dos doentes e dos aleijados? Ele dava de comer e aceitava de comer. Era convidado e comparecia. O que não seria o festim de Betânia, com Lázaro ressuscitado? E outros, e outros, e outros.

Sim. Obras que falem a língua de Jesus Nazarêno, para que o povo veja, acredite e vá em cata d'Ele, como naquele tempo: *Volumus Jesum videre*. Sim. Queriam vê-Lo. Ele tinha ressuscitado Lázaro!

No fim dos peditórios fui a ver; sensivelmente a mesma coisa que na igreja anterior. Muito bem.

Como tivesse umas horas à minha disposição, fui à Parede ver um doente. Ia mais gente no combóio — muita gente. Quem é que não gosta daquela cercadura de Lisboa?! Eu, porém, ia com intuitos mais alevantados. Eu era o romeiro

silencioso do turbilhão. Ia visitar um doente. Doente que se pode adorar, sem cair em pecado de idolatria. Como? Adorando nas suas chagas as Chagas de Jesus — o Homem das Dores. *Estou assim há mais de sete anos!* Aquele *assim* é o tempo; é o estado do doente que eu visitei. Hei-de lá tornar. As forças, vão-se buscar à fraqueza; à própria e à dos mais. O Reino de Deus é às avessas do reinosinho do mundo. Regressei à capital pelo mesmo caminho. Na carruagem aonde me encontrava, encontrava-se igualmente um grupo de rapazes finos, elegantes, ar da Costa do Sol. Um deles, de dezasseis anos, não tinha feito a 4.ª classe e é um abandonado. O Pai, vive ocupado com outra. A Mãe, ocupadíssima com outro. O filho, anda por lá e para maior desgraça dele, tem quanto dinheiro quer. Os meus, são todos abandonados por miséria. Aquele, aqueles, pois há muitos mais, também por miséria vivem abandonados.

É o vínculo. É o sacramento. Eis o papão. Amarrado por toda a vida? Não senhor. Pode haver a separação. O vínculo é que permanece. De todos os problemas que a vida oferece, o nosso é o pior de todos e o mais difícil de resolver — porque nosso. Mas nenhum é nó cego. Não é. Não existe homem nenhum que esteja fora do pensamento actual de Deus; ele e o seu problema. Com esta luz e com esta certeza, nós próprios podemos tirar um bem dum mal. O vínculo é esta doutrina. O vínculo é fonte de energias morais, até para os mal entendidos. Une os separados. Os filhos não sofrem por isso. Doutra sorte é o que para aí se vê.

Tomei o caminho do Porto no comboio da noite de sorte que cheguei ao Lar à hora do café. Estavam todos à mesa. Não contavam. O Ferreirinha ainda estava quente dum relógio que tinha comprado dias antes, por 380\$00. Mal me vê, estende o pulso: *olhe*. A seguir vem o rosário dos pedidos: *deixe-me comprar também um*. Safei-me das barafundas e meto-me noutra maior, em Paço de Sousa. Quatro dias de ausência. As notícias. As queixas. As perguntas. Só visto!

Ao fazer a despedida ós senhores lisboetas, não me quero recolher sem falar no Jeep. Dêem lá o Jeep ó P.º Adriano. Eu estou farto de o aturar. Digo mais. Não torno ao Tojal sem ouvir notícias boas.

Visado pela Comissão de Censura

## As Irmãzinhas do Pobres ditas na Emissora

(Continuação da 1.ª página)

durante a entrevista e agora venho aqui transmitir para erudição de todos os meus ouvintes. Sim. Seremos tanto mais felizes, quanto melhor penetrarmos nas obras informadas pelo Espírito do Senhor.

Há precisamente um século, que esta Obra de assistência apareceu em França. Deve ter dado muito que falar naquele tempo, pela sua novidade: Uma simples mulher do povo, toma à sua conta um velhinho e mais outro veinho e mais outro, aos quais outros se seguiram. E tudo isto sem recursos, sem instalações, sem ajudantes, sem conhecimentos! Como poderia assim vingar tal obra? O Evangelho foi sempre pedra de escândalo! Um outro problema que se deve ter posto no ânimo da gente de então, é o medo de quem ha-de continuar. O continuador da obra. Quem? Como? De onde? Ora eu muito gostaria que vissemos hoje os medrosos daquele tempo, só para que vissem como Deus é admirável em todas as suas obras; gostaria, sim.

Sejamos inteligentes. Nós não somos bons eleitores para escolher a pessoa que ha-de continuar. O próprio Deus é quem elege. Se a Boa Mãe das Irmãzinhas tivesse falado comigo a este respeito afirmaria justamente a mesma coisa, só que, em vez de Deus, diria que a Providência é quem elege, o que tudo vem a dar na mesma. É Ele quem escolhe, a seu tempo. Os continuadores identificam-se com os fundadores, guardando cada um a sua personalidade. Nenhum Papa é igual a Pedro e todos são da Igreja. Mais confiança em Deus e menos canseiras de quem ha-de continuar.

A expedição do famoso. É assim. Na quinta-feira da semana de expedição, saem de Paço de Sousa dois dos quatro administradores, orientar os trabalhos. Estes trabalham todo o dia, e os rapazes do Lar, nas horas vagas. Na sexta-feira, à tardinha, sempre que me é possível compareço. Desta vez foi possível. Venho agora mesmo de lá. É o dia do ponto final. Acabamos justamente à meia noite de sexta. Não se descreve a azáfama. É trabalho e são trabalhos. Dobrar, colar, separar. Trinta rapazes. Dezassete mil jornais. O rádio ali a dar música e notícias. A certeza de café e bolos no fim de tudo. Os desembarçados. Os ronhistas. Não se descreve!

Desta vez verificou-se que o lote dos jornais de Lisboa atingiu a altura do lote dos jornais do Porto, quando se procedia à separação, por terras. Dois lotes da mesma altura. *Olha iguaisinhos*. Todos os olhos se fixaram nos dois montes de jornais e todas as bocas falaram do acontecimento. Estavam ali rapazes de Lisboa. Estavam ali rapazes do Porto. Acendeu-se a fogueira! No mais vivo da discussão, o Cête levanta a voz: *Está tudo muito certo, mas os de Lisboa são uns grandes caloteiros. Os do Porto pagam melhor*.

Não gostei nada de ouvir aquilo. Primeiramente porque ninguém tem nada com a vida dos mais, e segundo, porque o Cête, sendo como é, da secretaria do jornal, não podia divulgar. São coisas muito sérias. De resto, se na verdade os lisboetas andam mais atrasados do que os tripelros, é que tem outras necessidades; — exigências da capital. Botas mais engraxadas. Colarinhos mais brunidos. Passeios. Relações. *La noblesse*... Ora estas coisas é que o Cête não sabe, por isso foi tão fácil em dizer.

A questão de vales, tem sido muitíssimo satisfatória. Veem, na sua grande maioria, para onde devem vir: *Cete*. Mas agora apareceu um deslize. Recebeu-se um pagável em Vila Nova de Famalicão! Tenho andado a cismar e não atino. Não sei qual seja a relação d'aquela nome com o outro de Cete. Não sei. O vale é de Lisboa. É de uma senhora de lá.

O número de assinaturas cresce e cresce e cresce. Muitos com dinheiro à frente. A campanha de um arranjar um, tem sido consoladora. Nós queremos ganhar o coração de todos os Portugueses. O Júlio, ontem, mostrava-me montes de jornais: *Olhe as nossas colónias. Olhe o estrangeiro. Olhe os diversos*. A alegria do rapaz bailava e inundava. Eles é que fazem a festa. Eles é que são a festa. As crianças são naturalmente uma festa, só quando abandonadas é que são uma desgraça. Mais assinantes e mais nada.

A humilde fundadora daquele tempo, juntaram-se outras mulheres a ajudar. Não sei quantas eram à hora da sua morte. Hoje, contam-se por milhares, as suas filhas espirituais. Estirpes. Títulos. Nomes. Posições. Grandezas. Tudo se tem feito pequenino e humilde, para bem servir.

O selo branco das Obras de Deus, é esta correspondência perene e silenciosa das almas, tocadas por algo misterioso a uma missão tão difícil, que se por calculo a procurassem, logo seria abandonada. É impossível que não tenha alma, uma obra que assim atrai as almas.

Estas humildes servas de Deus afeitas a todo o trabalho, tomaram o avião na viagem de França e da mesma sorte regressaram; e dentro do avião, no esplendor das alturas, elas nunca deixaram de ser as humildes servas de Deus, afeitas a todo o trabalho. Noutros tempos, teria sido o jumentinho, a mala-posta, as tiradas a pé, todos os meios de caminhar a fazer o Bem. Hoje, é o avião. Mudam os tempos, mas algo permanece, — a Caridade. A ciência das ciências. A Ciência inenarrável do Coração de Jesus, contra a qual tudo se esbarra e confunde a tal ponto que todo o sábio do mundo, cuidando que é que sabe, sem esta ciência, nada é e de nada vale.

Terminemos com a legenda que eu vi por decima das portas do refeitório dos Velhinhos, na casa do Porto: *Honra e agradecimento à nossa Boa Mãe Geral*. É a voz de 47000 velhinhos e velhinhas, da nossa carne e do nosso sangue, e poderia ser a voz do mundo inteiro, se a Caridade do Evangelho não andasse trocada pela dos chás dançantes. Tenho dito.

# Isto é a Casa do Gaiato

SE tivesse uma fotografia do nosso Xanxaré, havia de a publicar neste sítio. Mais. Gostaria de ir mais longe; televisão. Isso é que eu gostava só para que os leitores pudessem saborear mais perfeitamente a notícia que vou dar. Ora vamos a ela. O Rogério, que é o nome de batismo do mongói, há muito tempo que tem a missão de levar todos os dias um litro de leite a um pobre destes sítios. Manhãzinha, toma o seu pequeno almoço, e aí vai ele por caminhos e carreiros, levar o leite ao pobre. Uma vez em casa dele, acende o lume, limpa a casa e vai à fonte por água, enquanto o leite ferve.

No regresso, serve e acho que também se serve! Não indaguei, mas é provável.

Ele tem oito anos. O leite é alimento de crianças. Está ali quentinho, e muito dele... Por outro lado, o pobre há-de seguramente enternecer-se pelas voltas espontâneas do credito. Sim. O Xanxaré também lambe.

Ora muito bem. Ontem de manhã, a menina Idalina foi dar com o rapaz na cama. Estava doente. Não foi levar o leite ao seu pobre. Menina Idalina, põe imediatamente a pergunta e a resposta não se fez esperar, pronta, decisiva. Tinha ido o Eduardo. Xanxaré, do seu leite de doente chama um companheiro que sabia o caminho e dá-lhe instruções! Fie mesmo Xanxaré, como ao depois informou, prevenindo um caso destes, tinha ensinado o caminho ao Eduardo!

O Rogério.  
O nosso Rogério. O adorável Rogério, que um homem qualquer fez o favor de abandonar!

E' possível, até, que ele venha a fêr estas regras. Lê, extremecê, mas, para não perder a sua paz, manda vir meio quartilho ou um café, consoante a posição social e vai à noite prá cama a dizer se a si mesmo que o rapaz não é filho dele! Deixemos os mortos e alegremo nos com os vivos.

O zelo desta creança. Espontâneo. Fulgurante. Creador.

Senhor do Céu, remunerador eterno, por amor destes inocentes perdoei os meus pecados!

## Notícias de Coimbra

Já temos um imundo e uma imunda. A imunda foi-nos oferecida, e o imundo foi comprado. Mas lá por eu estar a dizer que já temos dois, se desejarem dar mais ainda cá cabem.

— Apesar de nos ter morrido uma ninhada de coelhos, já temos outra cujos coelhos já estão granditos. O Manuelzito e o Abel são os encarregados de darem erva a estes quando não têm nenhuma. Já têm ido ao tribunal porque eles não se esquecem de ir comer, mas dar aos coelhos esquecem se.

— Falta pouco para terminarem as obras. O pintor anda a acabar de pintar o refeitório, e acabando de o pintar terminar-se-ão as nossas obras. Depois disto tudo, o «Sr. Bispo» senhorio desta casa, em vez de receber renda ainda nos deve dar alguma coi a por termos posto a casa tão bonita.

Isto foi uma alegria:

Fui passar as férias a Paço de Sousa, terra para mim muito e mui amada.

Foi pena ser pouco tempo. Já parecia que lá não tinha ido há dois anos.

Gasei com os meus amigos e à beira do grande amigo. Custou-me tanto vir outra vez mas a vida não pode ser sempre a mesma.

A' vinda trouxe um fato, os sapatos arranjados porque não havia

UMA galinha deixou os pintos antes do tempo. Pôs um ovo e caminhou. Não quis os filhos. O caso tem sido aqui muito falado, com certas analogias que os rapazes lhe dão. *Olha a tua mãe também assim fez!* E os pintos ficaram aos cuidados do Sapo, que se já antes lhes queria, agora muito mais. São abandonados.

Andem por lá de dia, veem à merenda e já não voltam. Entram para o cesto aonde perderam a mãe e ali, muito juntinhos, passam a noite regalados, até ao amanhecer.

Isto já assunto para grandes e profundas lições no altar. Sim, no altar. O Mestre também falou de galinhas. Comparou-se Êle mesmo a uma galinha que aquece e defende os filhos, e abaixo das suas asas. O que Jesus queria era ser compreendido, por isso ia buscar as coisas ao alcance de todos os seus ouvintes.

*Aquela galinha é tóla não é boa mãe.* Foi assim que eu ouvi falar da que deixou os pintinhos. Jesus prêgou a regra. Estes rapazes, a excepção. *E' tóla. Não é boa mãe.*

Termos correlativos na opinião deles.

A PARECEU am ninho de coelhos numa ceara de centeio. O Top, o Nero, o Marão. Adeus ceara!

ESTEVE há dias em a nossa aldeia, uma operária do Porto com um rapaz pela mão. Não era dela, mas fê-lo seu, pela desgraça em que vivia. Tirou um dia na fábrica e o dinheiro do seu bolso e veio por aí abaixo com o seu tesouro. Chama-se Franquelim. O nome. A desgraça. A operária. Tudo isto junto, resultou a favor do transviado.

Teve, como todos teem, uma semana de prova. Andou à solta. Fez o que muito bem quis e mostrou a sua predilecção: barriguinha cheia, às horas, e esperava novas horas de comer. deitadinho sobre umas traves de pinho, fóra do refeitório, ó sol... Não escandalizava com as suas atitudes. Todos achavam muitíssimo na-

lâ novos, umas sapatilhas para ginástica e dois pares de meias. Depois fui ao Pinheiro Manso visitar os meus tios, os srs. Cunhas e a minha irmã.

Quási à partida fui visitar um Senhor da R. Joaria Tavares que no fim me deu um «insigne».

Senhores leitores: de verdade lhes digo que não chorei porque tinha vergonha.

Afinal ainda fui a tempo.

Como sabem os senhores leitores, eu disse no periódico que tinha feito anos. Mas já tinha passado algum tempo.

Quando cheguei de férias cá encontrei um par de meias, mas meias de valor vindas do Estoril duma senhora que me dizia num lindo postal que era pouco mas era de boa vontade.

Estou muito agradecido a esta senhora.

Por cima desta, mais outra oferta por uma senhora cá de Coimbra.

E' uma pata branca muito nutrida que põe muitos ovos.

Novamente agradeço a esta senhora.

P. S. — O Sr. Padre Manuel ralhou comigo por ter vindo de Paço de Sousa sem a roupa precisa para mim.

Carlos Inácio.

tural, só que, à passagem dos chefes, ouvia se deles a ameaça franca e amiga: *anda lá que é por pouco tempo...*

Veio o dia da canga.

Calhou no tempo da sementeira das batatas. Com espanto meu e de todos, o Franquelim firmou o seu nome! Trabalha!

Já o mandei ao Porto por si mesmo, pelo seu próprio pé, buscar os documentos. Que procure. Que indague. Que trepe.

ANDOU a coisa muito em segredo, por muito tempo, mas logo todos

## Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 Andam cá dois Engenheiros a tirar a planta da quinta. Vai em duas semanas e a precisão ainda não vai a meio. Nos primeiros dias andei eu com eles mas agora já são dois homens. Todos os dias de manhã quando eles chegam trazem uma carrada de aparelhos. Aqui há dias estávamos no fundo da quinta quando de repente começa a chover e nós para não deixarmos chover em cima dos aparelhos tivemos de dos malharmos todos porque a quinta é muito grande. Tem perto de noventa oliveiras e quinhentas laranjeiras.

2 As andorinhas começam a fazer os ninhos dentro do nosso palácio, os pintassilgos nas nossas laranjeiras. Uma das andorinhas teve a lembrança de fazer o ninho dentro da mitra do senhor Cardinal, que está na nossa camarata. Outra delas foi fazer-lo na carpintaria. Os nossos dois pombais, muito antigos, também estão cheios de ninhos de pombas, uns com passarinhos, outros com dois ovos e outros com um. São mais de duzentos pombos. Quando vem algum de novo a primeira coisa que lhe recomendamos é não estragar os ninhos, mas um deles já foi ver o ninho de andorinha mas logo por infelicidade deixou cair um ovo e por isso foi chamado a tritunal.

3 Uma das coisas mais engraçadas que nos deram até agora foram os patins. O Zé do Telhado para ninguém o ver cair, anda de noite com eles sgarrado às paredes e o cozinheiro vai com eles à despensa buscar arroz, couves, massa, etc. Qualquer dia parte as panelas e ficamos a apertar o ointo. Eu sou o melhor dos atletas.

4 As visitas continuam a vir cada vez em maior número principalmente ao domingo. No domingo, dia 18, vieram nos visitar os universitários de Lisboa. Alguns vieram de manhã e assistiram à missa conosco, outros vieram um bocadinho mais tarde. Juntaram-se todos e almoçaram debaixo das laranjeiras. Depois, no fim do almoço, convidaram-nos para um desafio. Eram duas horas e quarenta quando as equipas entraram em campo. A troca de galhardetes foi um cartucho de rebuçados que o árbitro nos deu. Os gaiatos pala estreia do seu campo perderam pela tangente contra os universitários.

A's duas horas e quarenta e cinco minutos começou o jogo, com rapidez, pertencendo a bola ao avançado-centro contrário e este corre sobre o meio do campo, passa para o extremo esquerdo e este tem um remate à baliza em que obriga o guarda-redes a pôr a bola

o sabem; foi rastilho que passou na aldeia! Sabem e espreitam.

A garnizê do Piriquito a chocar uma ninhada, num escondido. São 8 ovos. E' no telheiro da lenha, aqui ao pé da cozinha. Uma das galinhas grandes tinha chocado e anda já por aí com 4 pintinhos, mas agora é a própria, a verdadeira, a garnizê do Piriquito. O risco é grande e de tal modo pressentido, que Piriquito recomendou o caso ao Santa da Lenha, que é chefe da classe imediatamente a seguir aos Batatas. Estes são os que mais espreitam. Aqui o perigo. Vamos a ver. No próximo número teremos notícias de pintinhos ou de desgostos.

para canto. Foi marcado o primeiro canto do desafio contra os gaiatos que Constantino livra para meio do campo, sendo depois apanhada rapidamente por Manteigas e passa em profundidade para Joaquim e esta ficou desarmado pelo médio esquerdo que passa Manuel Pedreiro e Constantino e corre dando a bola ao seu avançado-centro que marca o primeiro tento aos 14 minutos. O esférico foi ao centro dado de Manteigas para Augusto e bola fora. A bola foi marcada pelo médio direito e passada para o centro e a segunda bola estava feita pelo avançado-centro. Os gaiatos não desanimaram e marcam a primeira bola aos 24 minutos. Logo em seguida eles, respondendo, marcam o terceiro ponto. Só a dois minutos do fim da primeira parte é que cor seguiram pôr o resultado em 4-1 e o árbitro dá por terminada a primeira parte.

Começa a segunda parte e os universitários animam os gaiatos e estes marcam duas bolas quase seguidas marcadas por Joaquim e Manteigas, ficando o resultado em 3-4. Dez minutos depois já estava em 6-6. O jogo começou com rapidez pertencendo a bola mais uma vez ao avançado-centro que se preparava para marcar tent quando sofre uma rasteira de Manuel Pedreiro. O árbitro manda marcar um livre contra os gaiatos que Pedro defende saltando por cima de alguns jogadores adversários. Faltavam quatro minutos para terminar o encontro, quando os gaiatos sofrem a sétima bola, ficando o resultado final por 7-6 a favor dos universitários.

A equipa dos gaiatos foi com titulação pelos seguintes elementos: Pedro, Manuel, Mario Mendonça, Mário, Quintino, Alfredo, Joaquim, Augusto e Constantino.

No fim do jogo o avançado-centro universitário deu as suas chuteiras ao Manuel pedreiro e tamb. m uns botins para a casa.

A assistencia era constituída pelos gaiatos e pelos universitários que estavam sempre a apoiar os gaiatos.

5 Fui boje ao Montepio buscar uma peça de roupa e cinco dúzias de escovas dos dentes. Logo que lá me viram começaram a tirar-me a pinta: é de gaiato, diziam uns, é de catraio diziam outros. Quando eu disse que ia a procurar a senhora D Irene disseram logo: vê en bem dizia que era gaiato. Levam-me depois à Cantina e queriam me dar vinho, cerveja, laranjada, sandes e bolos. Até queriam rebentar comigo se não acudia a senhora D. Irene.

Pedro João.